

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue

Look who's signing! Learning child deaf children in bilingual context

Francisca Melo Agapito
Josilene Carvalho Aragão Batalha
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Ana Claudia de Sousa Alves
Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST
Imperatriz-Maranhão-Brasil

Resumo

O texto tem como objetivo analisar as percepções de professoras e uma instrutora surda sobre aprendizagens de crianças surdas da Educação Infantil no contexto educacional bilíngue. Para tanto utilizamos autores da área da educação de surdos, como Quadros (1997), Fernandes (2007), Sacks (2010) dentre outros relevantes para a temática. Os procedimentos metodológicos foram a pesquisa qualitativa e para a geração de dados observações e entrevistas semiestruturadas com duas professoras ouvintes e uma instrutora surda de uma escola bilíngue para surdos de Imperatriz/MA. Os resultados revelaram que a inserção precoce na Educação Infantil, mediada por profissionais qualificados, é fundamental para a criança surda ter condições reais de desenvolvimento cognitivo, aquisição linguística e construção da identidade surda.

Palavras-chave: Criança Surda; Educação Infantil; Educação Bilíngue.

Abstract

The text aims to analyze the perceptions of teachers and a deaf instructor about learning of deaf children from preschool in the bilingual educational context. For this we use authors from the area of deaf education, such as Quadros (1997), Fernandes (2007), Sacks (2010) and others relevant to the theme. The methodological procedures were the qualitative research and for the generation of data observations and semi-structured interviews with two hearing teachers and a deaf instructor of a bilingual deaf school in Imperatriz / MA. The results revealed that early insertion in early childhood education, mediated by qualified professionals, is fundamental for deaf children to have real conditions of cognitive development, language acquisition and construction of deaf identity.

Keywords: Deaf Child; Child education; Bilingual education.

Sinalizando alguns pontos

Este artigo tem o intuito de analisar as percepções de professoras e uma instrutora surda sobre aprendizagens de crianças surdas da Educação Infantil no contexto educacional bilíngue. A questão norteadora do presente estudo e que embasou nossa escrita foi: que percepções professoras ouvintes e instrutora surda da Educação Infantil têm sobre a aprendizagem de crianças surdas inseridas no contexto bilíngue? Imbuídas com o propósito de analisar tais percepções, realizamos entrevistas semiestruturadas junto a três participantes – duas professoras ouvintes e uma instrutora de Libras surda – a respeito da aprendizagem de crianças surdas do I e II período.

A *priori* consideramos salutar enfatizar que por um período bastante longo da história “uma grande importância sempre foi dada à normalização desses sujeitos surdos para que eles pudessem ser enquadrados na escola comum e no mundo dos ouvintes” (VEIRA-MACHADO, VICTOR, 2015, p. 627). E no reverso dessa trama histórica, a educação bilíngue para surdos tem se configurado na contemporaneidade como uma proposta coerente, conforme os movimentos surdos e pesquisadores da área, pois atende as necessidades dos sujeitos surdos.

Esta representa a conquista do direito à aquisição linguística e cultural por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e englobou diversos debates entre as comunidades surdas e as instâncias governamentais (CAMPELLO; REZENDE, 2014). A aprovação da Lei nº 10.436/02 que oficializou a Libras como língua das comunidades surdas brasileiras, seguida do decreto nº 5.626/05, que regulamentou a citada lei e o artigo 18 da Lei nº 10.098/00, foram fundamentais para essa conquista histórica.

A educação bilíngue tem como base o ensino da Língua de sinais como língua de instrução e da língua adicional do país na modalidade escrita, devendo esta ocorrer desde a educação infantil, para que a criança surda adquira a língua de sinais o mais breve possível. Esta etapa educacional é de fundamental importância para a constituição de todos os sujeitos, sejam surdos ou ouvintes. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, é ratificado no artigo 29 que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

No que concerne à educação infantil, é ratificada a preocupação sobre essa etapa fundamental para o desenvolvimento humano no Decreto nº 5.626/05. Assim sua visibilidade emerge em diferentes pontos do citado documento; aqui ressaltamos em especial o artigo 14, capítulo IV, que determina o dever de “II - ofertar, obrigatoriamente, **desde a educação infantil**, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos” (BRASIL, 2005) [grifos nossos].

Neste excerto identificamos legalmente o direito de a criança surda estar em contato a língua de sinais desde a tenra idade para que seu desenvolvimento linguístico possa ser otimizado. Nessa conjuntura, uma escola que trabalhe a partir da perspectiva bilíngue é o locus mais coerente, visto que nesta os artefatos culturais se manifestam nas relações com professores surdos e pelo uso da Língua de sinais como língua de instrução (NASCIMENTO; COSTA, 2014).

Os entrelaçamentos dos aspectos supracitados propiciam aquisição linguística, cultural, reconhecimento sobre o pertencimento em uma comunidade que compreende o sujeito surdo a partir de suas diferenças e em especial permite que aprendizagens consistentes ocorram a partir de construções com significado “Por isso, o ensino na perspectiva bilíngue tem se tornado uma alternativa de sucesso para o aprendizado e desenvolvimento de linguagem em crianças surdas” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 2015).

Nesta ótica, tendo como elemento motriz os apontamentos aqui realizados, seguiremos traçando algumas reflexões sobre a educação infantil no contexto da educação bilíngue como meio para construção de conhecimentos consistentes para crianças surdas; em seguida são destacados os caminhos metodológicos e alguns resultados da pesquisa realizada.

Educacional infantil no contexto bilíngue: um início possível

A escola é reconhecida historicamente como uma instituição que foi criada para promover a formação integral do ser humano, tanto em âmbito social como cultural. Este processo deve ocorrer a partir das intervenções de vários agentes educacionais, neste sentido:

A escola tem a função de preparar as crianças e os jovens para fazerem parte da sociedade a partir da aquisição de regras, normas e valores, bem como dos conhecimentos científicos, culturais, artísticos e filosóficos que em cada época são apresentados como necessários à formação do cidadão (SOUZA, 2013, p. 41-42).

A instituição escolar visa formar desde o início do processo educacional, instituindo valores, regras relevantes para o convívio social, conhecimentos de diferentes áreas, visando à formação integral de sujeitos imersos nesse contexto. Assim sendo, a Educação Infantil, é primeira etapa da educação básica que possibilitará a base para todos os aspectos inerentes a formação cidadã.

A criança, ao adentrar nessa etapa, ampliará suas transformações cognitivas e emocionais, por meio da socialização e das relações de trocas no espaço escolar, diante disso é necessário compreendermos como devemos estimular a criança nesta fase de sua vida, e contribuir para que as mesmas se desenvolvam e adquiram bases para a vida adulta (OLIVEIRA, 2012).

Referente à criança surda, tais trocas também devem ocorrer do mesmo modo, logo sua inserção em um contexto educacional bilíngue, com professores surdos e ouvintes fluentes, além da utilização da língua de sinais como língua de instrução em todos os momentos educacionais, permitirá que essa criança adquira uma língua, uma cultura e identidade surdas.

Em nosso tempo, a proposta educacional prevista para o sujeito surdo nas políticas e nas práticas se dá pelo que chamamos de práticas bilíngues. Trata-se de pensar uma pedagogia visual que se constitui nas línguas e nas relações com as narrativas e os movimentos surdos, levando em conta a historicidade do grupo, tendo como base uma proposta educacional bilíngue em que a língua de instrução é a língua de sinais e a língua portuguesa é adquirida como segunda língua (VIERA-MACHADO; VICTOR, 2015, p. 632).

Nesse mesmo sentido, convém ratificar que por meio da educação bilíngue as crianças surdas podem se constituir como sujeitos com cultura e língua próprias. Com práticas bilíngues tendo como base a língua de sinais, que, por ser visual contempla as necessidades do sujeito surdo; haverá a possibilidade de aquisição de valores, linguagem, cultura, comportamento social, que são imprescindíveis e possíveis a partir do uso de uma língua. Nessa lógica, o acesso a Libras desde a tenra idade oportunizará a criança surda se apropriar de todos esses aspectos e assim seu desenvolvimento ocorrerá de modo consistente (KARNOPP; QUADROS, 2001).

No contexto bilíngue para surdos a escola se constitui em um importante lócus para a aquisição de todos os aspectos apontados anteriormente, e ainda funcionará como ambiente para a aquisição linguística da criança surda. Segundo o Referencial Curricular

Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) “A instituição de Educação Infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas” (BRASIL-MEC, 1998). E para mediar estas relações, a presença da língua é fundamental, por isso esta definição também é válida para a criança surda da Educação Infantil no contexto bilíngue, pois estas relações somente serão estabelecidas a partir do momento em que a criança surda começa a adquirir sua língua materna, ou seja, a língua de sinais.

Posto isto, consideramos relevante que a criança desde a tenra idade tenha a oportunidade de adquirir uma língua e realizar todas as funções sociais que a escolarização comporta. Goldfeld (2002, p. 51), apoiada nos estudos de Bakhtin, nos diz que “[...] o indivíduo se constitui com base em suas relações sociais, utilizando para tal a linguagem, os signos, [...] os indivíduos em conjunto modificam o meio social do qual participam”. Conseqüentemente a criança surda também sofre essas influências, por isso é fundamental sua inserção em um ambiente linguístico bilíngue que lhe permite por meio das relações sociais ali oportunizadas.

No que concerne o desenvolvimento da criança seja surda ou ouvinte, convém reforçarmos que suas aprendizagens ocorrem por meio de interações, brincadeiras, realizando diferentes ações que se entrelaçam e formarão a base para seu desenvolvimento (BRASIL, 2017). Em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação infantil deve contemplar cinco campos de experiências. Dentre estes, situamos nossa discussão no campo denominado: *o eu, o outro e o nós*; neste, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento se embasam nas interações, participação nas relações sociais, construção da identidade, dentre outros aspectos. No referido documento esse campo explicita:

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais (BNCC, 2017, p. 40).

Compreendendo os conhecimentos que devem ser propiciados às crianças por meio de suas experiências, coadunamos que, no caso de uma criança surda, essas interações e relações devem ser constituídas com seus pares, ou seja, outras crianças na mesma

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue

condição, além de surdos adultos, haja vista, o entendimento sobre si terá significado ao partilhar o mesmo modo de agir, pensar, que se construirá mediante a aquisição da sua língua natural, isto é, a Libras.

Ainda em relação a esse aspecto, ratificamos que, o encontro com semelhantes surdos, em um contexto educacional bilíngue contemplará também a construção da identidade dessa criança, por ocasião das relações vivenciadas no seio familiar que em grande parte é formada por pessoas ouvintes, que desconhecem as especificidades linguísticas, culturais e identitárias dos surdos.

A aquisição linguística é um fenômeno social e acontece em meio as relações inter e intrapessoais, isto “considerando que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas” (QUADROS, 1997, p. 70). Neste sentido, o contato precoce com a língua de sinais é fundamental. Sobre isto Sacks (2010) explica que:

A língua deve ser introduzida e adquirida o mais cedo possível, senão seu desenvolvimento pode ser permanentemente retardado e prejudicado, com todos os seus problemas ligados à capacidade de “proposicionar” [...] As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros (SACKS, 2010, p. 38) [grifos do autor].

Por certo, as crianças surdas têm características que lhes são peculiares comparadas às outras crianças ouvintes, ou seja, devido a sua condição sensorial. Tem um modo particular de apreender o mundo, principalmente por meio da visão e utilizam o que o espaço visual oferece para se comunicar, tendo a capacidade para adquirir a Libras naturalmente. Logo, o contato e o convívio com pessoas fluentes nessa língua são primordiais. Devemos, nessa ótica, valorizar suas características visuais para propiciar diferentes conhecimentos, assim “[...] se há pouca ou nenhuma audição, a visão será o sentido mais importante para a criança em seu processo de aprendizagem” (FERNANDES, 2007, p. 90).

Outro ponto que merece destaque acerca da aquisição linguística se remete ao fato de que “[...] 90% das crianças Surdas nascem em famílias ouvintes que desconhecem a língua de sinais e interagem exclusivamente pela oralidade com seus filhos Surdos” (IBIDEM, p. 107). Desse modo, entendemos que a aquisição da língua por parte da criança surda, deva se iniciar a partir do momento que é inserida na escola.

A escola bilíngue exercerá o papel de proporcionar a aquisição linguística, visto que, haverá o contato com os outros usuários da língua de sinais, isto é, instrutores surdos e professores ouvintes bilíngues que dominem a línguas de sinais. Além de alunos surdos, assim suas relações serão prioritariamente por meio dessa língua.

Nessa conjuntura, há que se pensar em buscar suporte para que a criança surda possa transitar nos mundos em que vive. Por ser uma minoria linguística, esta também deverá aprender a língua adicional do país na modalidade escrita; são relações fronteiriças que necessitam ser negociadas para que não haja a fixação de estigmas e concepções especiosas.

Nos dizeres de Silva (2005), ao cruzarmos fronteiras em um território simbólico, podemos realizar o estímulo de construções de identidades que possam transitar entre esses territórios. Portanto, é impostergável a relação bicultural proporcionada pela educação bilíngue, dadas às vivências da criança surda na fronteira entre o mundo surdo e ouvinte.

Portanto, ratificamos a importância da aquisição da língua de sinais para se iniciar o desenvolvimento cognitivo da criança surda. Por meio do contato precoce com a sua língua materna, neste caso a Libras, além da organização de um ambiente educacional adequado com a presença de instrutores surdos, professores ouvintes bilíngues, o desenvolvimento cognitivo e linguístico dessa criança será otimizado.

Caminhos metodológicos

Esta investigação apoia-se na pesquisa de cunho qualitativo. Neste sentido, “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 269). Ainda nesse sentido, ressaltamos que o propósito desta é “[...] reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação” (TEIXEIRA, 2012, p. 137). O material empírico da pesquisa foi constituído de observações em sala de aula e das palavras e sinais¹ das professoras e instrutora de Libras, no decorrer das entrevistas semiestruturadas que possibilitaram a geração de dados.

Sobre a entrevista, embasamo-nos no que aponta Silveira (2007, p. 137) ao descrevê-la como “[...] um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo”, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas”

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue

[grifos da autora]. Por conseguinte, com o uso deste instrumento é possível obter respostas para sanar algumas lacunas, mesmo que provisoriamente, sobre as percepções dos participantes. Logo, no que tange a aprendizagem de crianças surdas da Educação Infantil em um contexto bilíngue, este instrumento tornou-se significativo.

Com base no entendimento exposto, foram convidadas a participar deste estudo duas professoras ouvintes e uma instrutora de Libras surda que trabalham no I e II períodos da Educação Infantil, composta respectivamente por três e seis crianças surdas. Sobre esse aspecto ressaltamos que, conforme Stumph (2009, p. 445), “as turmas de alunos surdos devem ser pequenas pela natureza das aprendizagens, essencialmente dependentes da atenção visual”.

A escola onde estas professoras atuam é da rede municipal de Imperatriz/MA, trabalha com a proposta da educação bilíngue para surdos, desde a Educação Infantil até o 5º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esta instituição foi criada em 2012, sendo a primeira escola dessa natureza no estado do Maranhão; funciona em tempo integral e atende surdos do citado município e adjacências. Sendo assim, a relevância desta pesquisa para o contexto do estado adquire mais valorização, visto que, as práticas realizadas nesse ambiente escolar podem servir como base para que novas instituições possam ser criadas em prol do desenvolvimento do sujeito surdo.

Após a liberação da pesquisa por meio da assinatura de uma declaração de anuência da instituição pesquisada, houve o contato inicial com as professoras e a instrutora de Libras; estas se mostraram bastante abertas e concordaram em contribuir para o desenvolvimento da investigação. Nesse sentido, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida as entrevistas foram realizadas em três dias, sendo um dia para cada participante e foram agendadas previamente, tendo uma duração média de 20 a 30 minutos.

Inicialmente, utilizamos como instrumento para a geração de dados a observação, visto que é um processo que permite obter informações a partir dos processos pedagógicos em sala de aula e na interação entre os sujeitos envolvidos. Nesse momento nos apoiamos nas palavras de Lüdke e André (2013), que esclarecem que o observador deve fazer registros descritivos atentando para detalhes relevantes, além de anotar organizadamente, em seguida usar de rigor para realizar as análises.

Além disso, realizamos entrevistas junto às professoras ouvintes, que foram gravadas em áudio, por meio de aparelho celular. Já para a instrutora surda utilizamos a filmagem para captar suas falas, visto que sua língua natural é a Libras, que é de modalidade visuoespacial. Todas as falas foram transcritas; e no caso específico da instrutora o processo foi de tradução da Libras para a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Neste trabalho as entrevistadas serão denominadas por nomes de flores, são elas: Tulipa, Petúnia e Rosa² e suas falas estão destacadas em itálico.

Para realizar as análises do material gerado, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Trata-se de um método em que emergem categorias de análise que possibilitam inferir conhecimentos provindos da mensagem; ressaltamos ainda que uma leitura do que está por trás do conteúdo, isto é, pausas nas falas, inquietações, entre outros, fazem parte deste tipo de análise e podem contribuir para a interpretação dos significados.

Por meio de uma pré-análise os materiais são organizados. Esta etapa se constitui em “[...] um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125). Assim tendo clareza do objetivo proposto esta fase foi concretizada. Em seguida passou a exploração do material para a codificação e decomposição.

Dada à conclusão deste processo, passamos a tratar os resultados obtidos. Em suma, é realizada “[...] uma transformação dos dados brutos do texto em uma representação mais possível de esclarecer características mais puras das expressões do conteúdo” (AGAPITO, 2015, p. 78). O próximo passo foi a categorização, que são “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos” (BARDIN, 2011 p. 147). Logo, um escrutínio aprofundado foi essencial para encontrarmos inferências que pudessem ser agrupadas e assim as categorias criadas.

Os resultados desse exercício analítico encontram-se na próxima seção e estão detalhadas em duas categorias, quais sejam: *aquisição da Libras no contexto na Educação Infantil: brincadeiras e jogos como ferramenta de aprendizagem* e *a visualidade nas práticas*

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue pedagógicas docentes. Ressaltamos ainda que, estas categorias não são únicas e que poderiam surgir outras diante das possibilidades de outros olhares.

Aquisição da Libras no contexto da educação infantil: brincadeiras e jogos como ferramentas de aprendizagem

Na Educação Infantil a brincadeira deve estar presente no cotidiano da criança. Este processo propicia uma mudança contínua no comportamento da criança, pois esta vai internalizando cada momento nas brincadeiras. O brincar desenvolve vários aspectos para o desenvolvimento, e referente à criança surda, há a possibilidade desta adquirir sua língua materna, isto é, a Libras, ao ser utilizada como língua de instrução. Nesse contexto “[...] o aprendizado da língua de sinais é oferecido aos surdos em situações significativas, como jogos, brincadeiras e narrativas de estórias, mediante a interação com outros adultos competentes em língua de sinais” (BOTELHO, 2010, p. 112).

Nesse sentido, dada a relevância dessas situações, nos interessou indagar às entrevistadas sobre a aprendizagem de seus alunos; todas destacaram que na Educação Infantil as brincadeiras e os jogos são essenciais. Suas falas revelaram que:

A brincadeira é uma ferramenta fundamental no processo de construção de sentidos e possibilita que a criança entenda contextos (Petúnia, 13 de agosto de 2019).

O lúdico é essencial para que a criança surda tenha a possibilidade de compreender por meio de brincadeiras [...] sempre há explicações em Libras sobre o desenvolvimento de uma brincadeira ou jogo, isso ajuda o aluno a aprender os sinais que poderão usar futuramente (Rosa, 12 de agosto de 2019). Por meio de jogos individuais e coletivos é possível inserir novos sinais e assim a criança vai adquirindo a Libras por meio das explicações, da interação com outras crianças surdas e da própria compreensão das regras utilizadas nos jogos que são trabalhados (Tulipa, 14 de agosto de 2019).

Quanto à utilização de brincadeiras, Goldfeld (2002), afirma que estas contribuem significativamente no desenvolvimento da criança, pois em sala de aula, ora organizada pela criança, ora pelas professoras, as brincadeiras irão significar o entendimento do uso sinal, conforme o contexto. A criança surda vai atribuindo significado ao que ela realiza, mediada pela interação com as outras crianças.

No decorrer das observações, referente a estes aspectos, percebemos que as professoras conseguem organizar um trabalho para que a criança aprenda brincando, o que é frutífero para a construção de sentido daquilo que será ensinado; as regras das brincadeiras e jogos são explicadas previamente por meio da Libras, assim as crianças são

envoltas por essa língua, nos momentos de ludicidade. “Os jogos possuem, então, uma importância determinada no processo de desenvolvimento, pois neles a criança vivencia relações sociais que contribuem para a sua constituição enquanto indivíduo [...]” (GOLDFELD, 2002, p. 79).

As práticas evidenciadas tanto nas observações como nos discursos das entrevistadas também se harmonizam com estudos de Lebedeff (2004, p. 136). A autora expressa que:

Trabalhos realizados com alunos surdos utilizando histórias em imagens para possibilitar um acesso compreensivo à leitura e à escrita, ou seja, com a introdução de um texto visual sem escrita, mas em sinais, demonstram o sucesso da utilização do recurso de imagens e gravuras.

Com base no excerto acima, constatamos a consonância entre outros trabalhos realizados com crianças surdas e o que é desenvolvido pelas pesquisadas, a fim de que a criança surda adquira a Libras. É notável a utilização de muitos recursos visuais, jogos interativos, leitura de imagens e diversos materiais em Libras, inclusive confeccionados por elas, visto que ainda há a necessidade de adaptação de materiais que são utilizados na educação infantil. Estes possibilitam a interatividade entre todos os envolvidos no processo, formando uma rede de comunicação que amplia a percepção da criança surda em relação à língua de sinais e conseqüentemente o seu aprendizado.

Quando perguntamos que contribuições as entrevistadas poderiam apontar referente à aquisição precoce da Libras pela criança surda, nas diferentes interações realizadas no cotidiano escolar, suas afirmações são as seguintes:

Iniciar com a Libras é melhor, está de acordo com a criança surda, é muito importante para ela se desenvolver desde cedo [...] muitas vezes a família não sabe Libras, por isso é importante na escola a Libras ser inserida na educação infantil. Eu senti o sofrimento é muito ruim (Rosa, 12 de agosto de 2019).

[...] quando a criança ingressa na Escola Bilíngue desde cedo e vai adquirindo o conhecimento da língua materna com o uso de materiais que tem sinais em Libras, com o contato com os professores que sempre usam a língua de sinais nos diálogos, nas brincadeiras e nas explicações [...] com a Libras facilita o desenvolvimento em toda a vida escolar, pois ela é a base para a aquisição de sua segunda língua (Petúnia, 13 de agosto de 2019).

A criança vindo mais cedo para a escola, aprende melhor e mais rápido [...] percebemos que a criança na escola quando aprende a língua e consegue se comunicar, interagir com as outras através da Libras [...] (Tulipa, 14 de agosto de 2019).

As percepções das professoras e da instrutora surda denotam que o aprendizado precoce da Libras é sumamente importante para que a criança surda se desenvolva socialmente, interajam umas com as outras, pois as percepções de mundo e o uso da língua é o mesmo. Outro ponto considerado imprescindível pelas professoras é a base da língua de sinais, para que a posteriori o aprendizado sistematizado de sua língua adicional seja consistente.

Na esteira desse debate, evocamos ainda o fato de que, boa parte das famílias que têm crianças surdas desconhece a Libras (FERNANDES, 2007), como já exposto nos aportes teóricos aqui estudados. Fato esse que mais uma vez foi ratificado na fala de Rosa ao expor que: “[...] muitas vezes a família não sabe Libras, por isso é importante na escola a Libras ser inserida na educação infantil”. Sua narrativa é coerente e com propriedade, pois a entrevistada – instrutora de Libras – informou que é oriunda de um lar ouvinte, que desconhecia as características iminentes aos surdos, como por exemplo, podemos citar a apreensão de mundo que é plenamente visual, além da possibilidade de adquirir uma língua visual e espacial.

Assim sendo, o papel da educação bilíngue na educação infantil assume centralidade na aquisição linguística, nas relações com seus pares surdos, “Ou seja, em todo o percurso escolar é uma condição essencial a concentração entre pares para que a comunicação seja aprofundada naturalmente” (STUMPH, 2009, p. 441). Isso porque, muitas crianças estão imersas em lares ouvintes, que não fornecem os aparatos linguísticos, o convívio com semelhantes surdos, construção de identidade e cultura surda. Em síntese, as relações sociais nesses lares, estão carregadas de lacunas, que podem causar entraves imensuráveis ao desenvolvimento dessas crianças. Como exemplo, “Quando o estímulo linguístico passa a ter um papel fundamental no desenvolvimento de funções cognitivas, o qual se dá muito cedo durante a infância, as crianças surdas começam a apresentar atrasos no desenvolvimento” (BARBOSA, 2009, p. 420).

Assim, inseridas no contexto bilíngue para surdos, por meio da articulação de sua língua, com um currículo que contemple a visualidade da criança surda, sua cultura, entre outros, as construções de conhecimentos poderão emergir. Em resumo, a escola bilíngue para surdos “[...] pode proporcionar o acesso a uma língua natural, aquisição fundamental, da qual as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, ficam privadas” (STUMPH, 2009, p. 440). Nas palavras de Vygotsky (2005, p. 103) podemos ratificar que “[...] o aprendizado

adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

Diante disso, apreendemos que a Libras, imersa nos diferentes momentos de aprendizagens, como brincadeiras, jogos, artes, contação de histórias, músicas, exploração de materiais visuais, expande as atividades cognitivas da mente, gerando a ampliação de outras capacidades mentais da criança imersa na educação infantil. O ato de aprender é universal, além de indispensável “[...] do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (IBIDEM, p.103).

Logo, fica evidenciado que diante das percepções da instrutora surda e das professoras ouvintes, a criança surda precisa ter acesso a Libras logo na primeira infância, pois esta é a língua que permite ao surdo compreender o mundo no seu entorno e se desenvolver cognitivamente. Nessa conjuntura, a educação bilíngue proporcionará os meios para a efetivação da aquisição linguística necessária ao desenvolvimento.

Além disso, ficou denotado que o uso de jogos, brincadeiras, são ferramentas fundamentais, pois se entrelaçam as experiências, que, mediadas por meio da Libras podem proporcionar significação e são elementos de suma importância, favorecendo assim a base para uma formação bilíngue.

A visualidade nas práticas pedagógicas docentes

Compreendemos que uma das principais ações pedagógicas que devem estar presentes na educação, para uma aprendizagem consistente, é o planejamento. Nessa lógica, com o intuito de identificar como a visualidade da criança surda é valorizada no contexto da educação bilíngue, indagamos as professoras sobre esta perspectiva em seus planejamentos. Os excertos a seguir revelam que:

é realizado um planejamento que priorize a apreensão visual. Tudo que proponho nas aulas de Libras deve ser pensado para a utilização de sinais, gravuras, e outros recursos me ajude a fazer associação e dar sentido ao que estou explicando, além de estabelecer uma relação entre sinal e objeto (Rosa, 12 de agosto de 2019).

O planejamento é normal, no sentido de atender as exigências da rede municipal de ensino, contudo, é inserido no plano de aula as adaptações para a Libras que são necessárias para assegurar a percepção visual (Petúnia, 13 de agosto de 2019).

[...] devido ao processo de aprendizagem ser visual, o planejamento é feito pensando em como utilizar estratégias metodológicas que contemplem esse

sentido do surdo, por exemplo, sempre usamos imagens para que a criança faça a associação, então no plano sempre pensando no visual, pois é por meio dele que atingiremos o nosso objetivo principal que é aprendizagem (Tulipa, 14 de agosto de 2019).

Conforme apontam as participantes, para que o aprendizado ocorra de forma coerente e com significado, o respeito à visualidade da criança é um fator primordial. Ao analisarmos suas narrativas, ratificamos que o processo de ensino realizado pelas participantes denota que seus planejamentos vislumbram a característica que é imanente ao sujeito surdo, isto é, a apreensão de mundo que se dá por manifestações visuais e pelo uso da Libras, que fazem parte de seu artefato cultural (BRASIL, 2005).

Sobre essa questão Santana (2007, p. 226), expressa que “os usuários de línguas de sinais têm habilidades espaço-visual mais desenvolvidas que os sujeitos que não usam essa língua”. Então, um planejamento que atenda as especificidades deste grupo específico, na educação infantil, pode favorecer tanto a aquisição linguística como outras aprendizagens que fazem parte desta etapa educacional.

Segundo Petúnia, para mediar a aprendizagem da criança surda, os espaços da sala de aula devem ter sinais, conforme a disposição destes, como por exemplo, o cantinho de histórias, que geralmente é bem colorido e repleto de livros e imagens. Assim, a participante complementa que “[...] a Libras deve estar presente em todos os materiais para que a criança visualize o sinal, busque realizá-lo e tenha menos dificuldade na aprendizagem, pois o contato visual estimulará o processo”.

O surdo é um sujeito visual e apreende o mundo que está a sua volta por meio dessa visualidade que é exposta. Logo, o uso de imagens dos sinais se mostra prolífero para a aquisição do léxico da Libras. Corroboramos com essa asserção Campello (2008, p. 113), ao explicitar que “Com características viso-espaciais, a LSB inscreve-se no lugar da visualidade e, sem dúvida, encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais e às práticas sociais”.

Assim, ponderamos que professoras e instrutora de Libras, utilizam em seus planejamentos a visualidade da criança para mediar a construção de conhecimentos. Assim, como o uso de recursos pedagógicos e metodologias que proporcionem a visualidade destas, isto é, envolvendo uso de recursos visuais, sinalização de histórias, leitura de imagens, estas profissionais conseguem favorecer uma aprendizagem consistente à criança

surda. “[...] a imagem, em todas as suas formas, ocupa um papel importante na comunicação e interação social dos seres humanos desde o início de sua história e evolução” (ZERBATO; LACERDA, 2015, p. 429), e no caso do surdo é essencial para todos os processos por ele vivenciado.

No que tange a utilização de recursos visuais, identificamos nas observações que todos os espaços da sala de aula e as atividades individuais têm sinais na Libras. Verificamos ainda que as professoras adaptam os livros disponibilizados pela Secretaria de Educação, isto é, há a incorporação de sinais conforme o conteúdo proposto. Ademais, constatamos que diferentes recursos pedagógicos contêm sinais na língua materna da criança surda. Nessa ótica, buscamos averiguar as ações realizadas para proporcionar a aquisição linguística por meio desses recursos visuais. As falas das participantes denotaram que:

Uso atividades com sinais, assim a criança surda ver, depois ela faz o sinal. Também faço o sinal para mostrar como é o movimento, a forma da mão. [...] a criança percebe pelo visual a relação entre o sinal e a imagem que tem na atividade. Os jogos também tem sinal, assim a criança aprende como é o sinal e na hora da explicação ela procura o sinal que estou fazendo, repete o sinal. Ela consegue aprender mais rápido vendo o sinal sempre que precisa (Rosa, 12 de agosto de 2019).

Com o uso de recursos pedagógicos que tenham sinais podemos possibilitar a aprendizagem tendo os sinais de forma visual. É muito positivo esse processo, pois muitas vezes a criança manipula o recurso e já realiza o sinal sozinha, então mediamos a aprendizagem do sinal explicando a configuração de mão corretamente, o movimento... [...] da mesma forma acontece com o livro didático, as crianças já manuseiam procurando o sinal e me perguntam se o desenho representa aquele sinal (Petúnia, 13 de agosto de 2019).

Os materiais didáticos, o uso de leitura de imagens, as atividades e os jogos com sinais na Libras me auxilia porque a criança visualiza o sinal e associa ao objeto, isso chama a atenção dela. [...] a criança tenta sinalizar, interage com as outras crianças, mostram o sinal em seguida realiza junto com outras crianças. [...] é impressionante como a aprendizagem ocorre de forma mais dinâmica quando ela visualiza os sinais (Tulipa, 14 de agosto de 2019).

Por meio da visualidade a criança surda apreende o mundo que está a sua volta. Nessa direção a Pedagogia Visual se mostra eficaz e condizente com essa característica, visto que esta “[...] inclui a Língua de Sinais como um dos recursos dentro da comunicação e da educação” (CAMPELLO, 2008, p. 130). Além de recursos visuais, cultura visual, artes visuais, entre outros pontos relevantes, que se traduzem em uma “[...] concepção do mundo

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (IBIDEM, p. 129) [grifos da autora].

A língua de sinais com sua modalidade visuoespacial contempla essa especificidade, logo, materiais pedagógicos, atividades e tudo que servir de suporte para a criança surda, deve ter sua língua. A autora surda, Stumph (2009, p. 440), lembra que para favorecer a aquisição linguística da criança surda, usar estratégias utilizadas por pais surdos é extremamente positivo. Dentre as variadas exemplificações utilizadas pela autora, evocamos as que se remetem ao aspecto visual, isto é, esses pais “[...] trabalham estratégias para manter o contato visual; [...] identificam objetos pelo nome em sinal depois de reconhecidos visualmente pela criança, tendendo a etiquetar mais do que a questionar a criança”.

Seguindo as estratégias mencionadas por Stumph (2009), as professoras pesquisadas estão valorizando e utilizando a visualidade das crianças surdas, de forma profusa para atingir o objetivo primário que é a aquisição linguística. Nesse mesmo trilho, percebemos a assonância entre as práticas de pais surdos e das professoras pesquisadas, ao utilizarem a associação entre objetos, sinal e sua identificação. Assim, o uso da visualidade e “A utilização da Língua de Sinais deverá ser total na educação pré-escolar, na medida em que se está adquirindo a língua materna e o conhecimento de si próprio e do mundo. A imersão linguística nesta primeira fase é fundamental” (STUMPH, 2009, p. 443).

Logo, diante das narrativas aqui expostas, corroboramos que os aspectos que remetem aos artefatos culturais como a língua de sinais e a experiência visual, vêm sendo efetivados na busca pela aquisição linguística e, conseqüentemente, diferentes aprendizagens à criança surda. Importa ainda destacar que, as professoras perceberam que as aprendizagens utilizando tais artefatos se torna mais dinâmica e produtiva. A análise que realizamos revelou que “[...] a construção de saberes pelos protagonistas surdos também provoca os educadores, sobretudo no exercício da reflexão crítica acerca de sua prática” (Kappaun et al., 2015, p. 68-69), levando-os a trabalhar na perspectiva da valorização das diferenças.

Conclusão

A proposta educacional bilíngue para surdos tem sido considerada a mais propícia para a construção de conhecimentos. Conforme os aportes teóricos que sustentam esse

estudo, esta deve se iniciar precocemente na Educação Infantil, representando assim uma nova perspectiva para o processo educacional das crianças surdas.

Na incursão realizada para analisar as aprendizagens de crianças surdas tendo como foco a percepção de duas professoras ouvintes e uma instrutora surda, verificamos que o papel da Educação Bilíngue na Educação Infantil é fundamental, pois é priorizada a aquisição da Libras como língua de instrução e a segunda língua, que é a Língua Portuguesa, na modalidade escrita (BRASIL, 2005). Outro fator salutar referente a essa proposta para crianças surdas, se deve ao fato que a maioria tem pais ouvintes, que desconhecem a Libras e, portanto, não iniciam a aquisição linguística de seus filhos surdos, no período que comumente deve ocorrer.

Uma das reverberações nas narrativas evidenciadas pelas participantes expressa que a aprendizagem da criança surda ocorre por meio de sua visualidade, manifestada tanto pela língua de sinais, como outras experiências visuais. O uso de brincadeiras e jogos mediados pela Libras, foram pontos relevantes enaltecidos pelas professoras e instrutora surda para proporcionar interações, relações sociais com seus pares, além do contato com surdos adultos para propiciar a construção da identidade da criança surda e sua aquisição linguística. Ratificamos que tais pontos foram corroborados pelas observações realizadas em sala de aula.

De igual modo, o uso de recursos visuais, leitura de imagens, atividades individuais, adaptação de livro didático com sinais na Libras, foram identificados nas observações e mencionados pelas professoras para otimizar a aquisição linguística e outras aprendizagens de forma mais rápida e dinâmica. Nessa direção, a Pedagogia Visual, por considerar todos esses aspectos em prol do desenvolvimento dos surdos (CAMPELLO, 2008), é inserida nas práticas das professoras.

Nesta investigação intentamos expressar que, ao operarmos com as especificidades do sujeito surdo, é emergencial que as práticas realizadas devam seguir os artefatos culturais destes. No contexto bilíngue, a Libras assume uma posição central, proporciona que a criança surda adquira sua língua, relações sociais, interação entre pares, além de embasamentos consistentes para construções cognitivas coerentes para o futuro aprendizado de sua segunda língua. Podendo assim manter relações sociais nas fronteiras em que vive, isto é, entre o mundo dos surdos e ouvintes.

Referências

- AGAPITO, Francisca Melo. **A formação de professores surdos que atuam no município de Imperatriz-MA**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari (Univates), Lajeado-RS, 2015.
- BARBOSA, Heloíza. O Desenvolvimento Cognitivo da Criança Surda Focalizado nas Habilidades Visual, Espacial, Jogo Simbólico e Matemática. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs). **Estudos Surdos IV**. – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação de surdos: ideologias e práticas pedagógicas**. - 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- BRASIL. Presidência da República – Casa Civil. Legislação - **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 02 mai. 2019.
- BRASIL. Presidência da República – Casa Civil. Legislação. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs). **Estudos Surdos II**. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR.
- e a realidade brasileira. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs). **Estudos Surdos IV**. – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009.
- FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. Curitiba: Ipbex, 2007.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista**. 4 ° ed. São Paulo. Plexus, 2002.

KAPPAUN, Ivan Jeferson; MÜLLER, Janete Inês; KIPPER, Daiane; THOMA, Adriana da Silva. Leitura de imagens em arte: um olhar para a educação de surdos.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, Eurida Dias; STEYER, Vivian Edite (Org). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado.** Canoas, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5º ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Práticas de letramento na pré-escola de surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias. IN: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (Orgs.) **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferenças no campo da educação.** Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** – São Paulo: Editora: EPU, 2013.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do; COSTA, Messias Ramos. Movimentos surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de surdos: contribuições ao debate institucional. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 159-178.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **O trabalho do professor na Educação Infantil.** São Paulo: Biruto, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 58-78, Set./Dez. 2015.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos;** tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neolinguísticas.** São Paulo. Plexus Editora, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos investigativos II.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora: 2007.

SOUZA, Eliete Ramos de. **A escola como instituição social: revisitando a função social da escola.** – Londrina, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina. Acesso em: 09 abr. 2019.

STUMPF, Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências

Olha quem está sinalizando! Aprendizagem de crianças surdas na educação infantil no contexto bilíngue

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 9 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; VICTOR, Sonia Lopes. A criança surda: a infância na constituição de um espaço pedagógico que se ocupe da diferença. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 53, p. 623-634. set./dez. 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZERBATO, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Desenho Infantil e Aquisição de Linguagem em Crianças Surdas: um Olhar Histórico-Cultural. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 21, n. 4, p. 427-442, Out.-Dez., 2015.

Notas

¹ Optamos por este termo para enfatizar que a instrutora de Libras utilizou sua língua – a Libras – em todo o processo de geração de dados.

² Em conformidade com os princípios da ética em pesquisa com seres humanos, estamos mantendo o anonimato das participantes, assim estes são nomes fictícios.

Sobre os autores

Francisca Melo Agapito

Mestra e Doutoranda em Ensino-Univates. Universidade Federal do Maranhão-UFMA
E-mail: franciscaagapito@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8742-7802>

Josilene Carvalho Aragão Batalha

Licenciada em Pedagogia-UFMA. Instrutora de Libras -governo do Estado do Maranhão-E-mail: josilenearagaobatalha@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3785-0725>

Ana Claudia de Sousa Alves

Mestra e Doutoranda em Ensino-Univates. Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST
E-mail: anapedagog@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7227-0232>

Recebido em: 17/09/2019

Aceito para publicação em: 20/10/2019